



INJUSTIÇAS AMBIENTAIS

Racismo Ambiental

cartilha produzida pelas alunas e pelos alunos do Infes/UFF

Esta cartilha foi criada durante o período de **Estágio Docente** do curso de Educação do Campo do Instituto do Noroeste Fluminense de Educação Superior - Universidade Federal Fluminense.

aluno

- Marques Vieira da Silva Júnior

coordenador

- Fabio A. G. Oliveira

bibliografia

Almeida, Silvio Luiz de; Racismo estrutural / Silvio Luiz de Almeida. -- São Paulo : Sueli Carneiro ; Pólen, 2019.

Aranha, Ana; Freitas, Hélen. Agrotóxicos são lançados de avião contra crianças e comunidades em disputa por terra. Repóter Brasil. 2021. Disponível em: reporterbrasil.org.br/2021/05

Bombardi, Larissa Mies. Geografia do Uso de Agrotóxicos no Brasil e Conexões com a União Europeia / Larissa Mies Bombardi. - São Paulo: FFLCH - USP, 2017.

Bombardi, Larissa Mies; Intoxicação e morte por agrotóxicos no Brasil: a nova versão do capitalismo oligopolizado. Boletim DA LUTA, unidade mês de setembro, 2011.

Herculano, Selene. O clamor por justiça ambiental e contra o racismo ambiental. ©INTERFACEHS- Revista de Gestão Integrada em Saúde do Trabalho e Meio Ambiente - v.3, n.1, Artigo 2, Jan./ abril 2008.

arte: Denis Duarte

Qual a relação entre racismo e crimes ambientais? E o que o uso de agrotóxicos tem a ver com isso? Esta cartilha tem como **objetivo central trazer à superfície essas correlações** de forma a despertar cada um(a) de nós para as violências sociorraciais estruturais.

Em episódios de injustiça ambiental percebe-se a prevalência das **populações negra, indígena, quilombola, pescadora, nordestina, entre outros povos empobrecidos e desfavorecidos** expostos a contaminações sanitárias de todo tipo. Tais situações sugerem um encontro entre o racismo e a injustiça ambiental.

O que é racismo?

Para falarmos de racismo ambiental é importante entendermos antes o que é racismo. De acordo com o jurista e filósofo Sílvio Almeida,

Racismo é uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos, a depender do grupo racial ao qual pertençam.

(Almeida, S. 2019, p.22)

É de suma importância termos o conhecimento dessa definição. Por quê? Porque compreendê-lo nos ajuda a entender que o racismo não é somente um preconceito ou uma discriminação racial que ocorre pontualmente.

Trata-se de um sistema que organiza a sociedade de modo a estabelecer hierarquias entre os sujeitos, resultando em vantagens e desvantagens entre grupos sociais.

Ao definir o racismo, Silvio Almeida denuncia o seu caráter sistemático que, por vezes, se camufla na naturalização de determinadas práticas cotidianas, tal qual ocorre com o racismo ambiental.

Conseqüentemente, podemos afirmar que o racismo produz um estado permanente de violências contra populações racializadas. Trata-se de um sistema opressor moldado desde o antigo regime colonial que estabeleceu uma elite social predominantemente branca

O que é racismo ambiental?

O racismo ambiental é a correlação entre racismo e injustiça ambiental. Destacamos, ainda, que o racismo ambiental no contexto brasileiro nos ajuda a compreender todo tipo de injustiça ambiental que coloca em risco a vida de povos historicamente desfavorecidos, tais como indígenas, quilombolas, negros, nordestinos, pescadores entre outras minorias políticas racializadas.

Entende-se por “colocar em risco” toda relação que vulnerabiliza e atinge, de forma direta ou indireta, o território onde populações empobrecidas habitam; e, conseqüentemente, atinge as próprias populações.



E o que é injustiça ambiental?

Entende-se por 'injustiça ambiental' o mecanismo pelo qual sociedades desiguais destinam a maior carga dos danos ambientais do desenvolvimento a grupos sociais de trabalhadores, populações de baixa renda, grupos raciais discriminados, populações marginalizadas e mais vulneráveis.

(Herculano, 2008. p. 2).

Por isso, podemos definir racismo ambiental enquanto a **ocorrência sistemática de injustiças ambientais em locais onde residem populações empobrecidas**, sendo sua grande maioria povoada por grupos racializados desfavorecidos.





A morte está no prato: A Fome e os Agrotóxicos no dia a dia do brasileiro

Existe um aumento considerável do uso de agrotóxicos na agroindústria nos últimos anos. Os riscos que esses “venenos” são capazes de causar à terra, águas e à saúde de população que está em contato diário com o cultivo desses alimentos e os consumidores finais são altos. Trata-se de uma discussão sobre a **insegurança alimentar**.

O acesso a um alimento livre de agrotóxicos, em uma quantidade nutricional suficiente para alimentar indivíduos de diferentes idades e necessidades suplementares, é um assunto que faz parte da discussão sobre o **acesso e direito à alimentação segura**.

Muito se fala que o agrotóxico é necessário para que mais comida seja produzida e, conseqüentemente, mais pessoas possam se alimentar. No entanto, a realidade é bastante diferente. **A insegurança alimentar e a fome integram a realidade de boa parte da população brasileira**, em especial as camadas sociorracializadas mais empobrecidas.

Além disso, câncer, doenças cardíacas, diabetes, ansiedade entre outras têm sido cada vez mais frequentes entre as pessoas cuja a insegurança alimentar é uma realidade. **Haveria uma relação entre a qualidade do que comemos; a fome; e o uso de agrotóxicos no Brasil?**

O Brasil figura um crescimento exponencial no ranking de agroexportação, liderando a exportação de carnes e ocupando o lugar entre os 4 maiores produtores de commodities no mercado mundial. Para que a indústria consiga atender à demanda mundial, **o aumento na utilização de insumos agroquímicos tornou-se um padrão.**

Quem sofre com isso? Como pode o Brasil estar utilizando e consumindo tanto agrotóxico e estar voltando a ocupar destaque no mapa da fome?

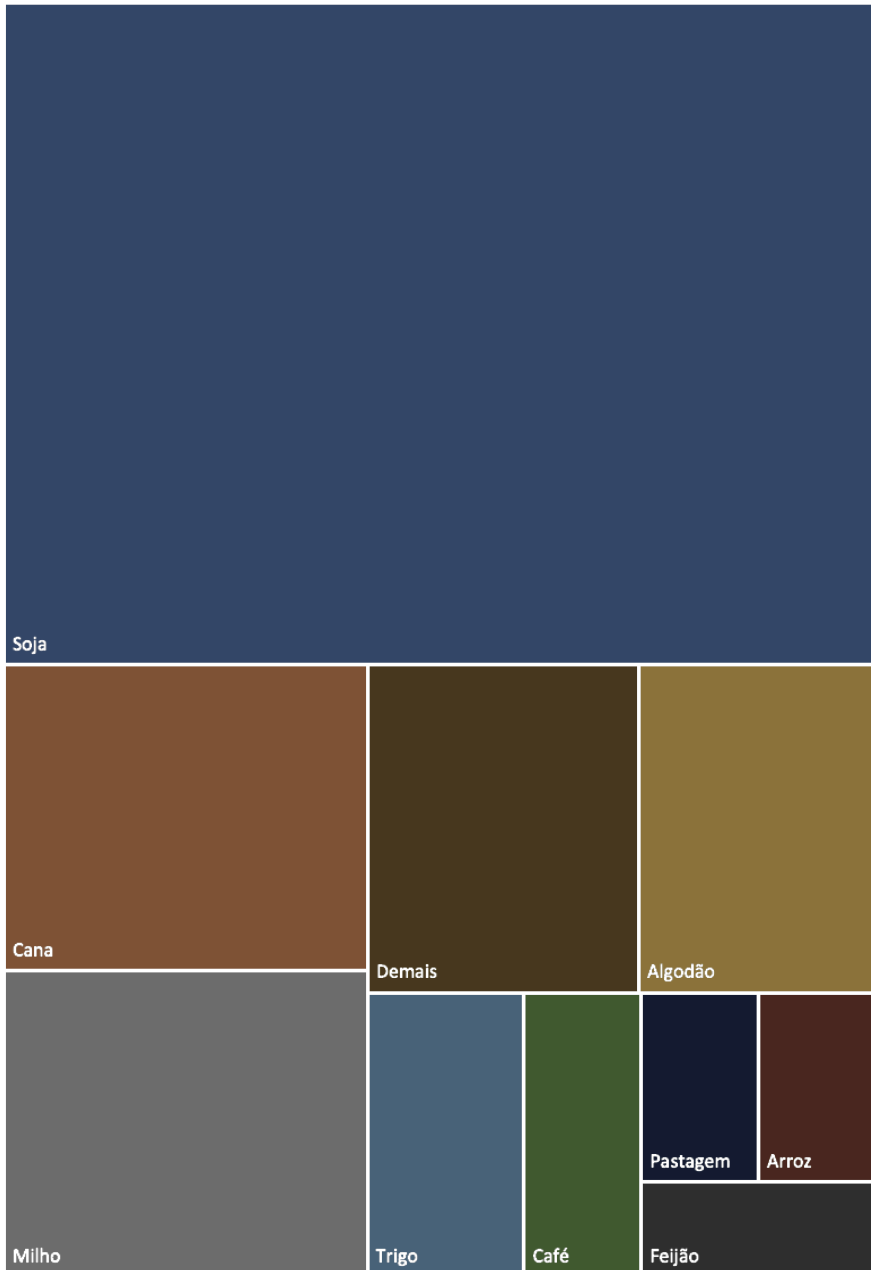
[...] o consumo de agrotóxicos total no Brasil saltou de cerca de 170.000 toneladas no ano de 2000 para 500.000 toneladas em 2014, ou seja, um aumento de 135% em um período de apenas 15 anos [...] Para estes três cultivos (soja, milho e cana) convergem cerca de 72% de todo agrotóxico comercializado.

Portanto, dois terços do montante de agrotóxicos comercializados no país têm como receptáculo três culturas expoentes da agricultura capitalista brasileira e que figuram, como foi apontado, entre os 12 primeiros lugares na pauta total de exportação brasileira.

(Bombardi, L. 2017, p.32-33).

Venda de agrotóxicos por cultura no Brasil

fonte: SINDIVEG/Org. Rosangela Vieira - DIEESE (2017)



Tanto a citação da autora Larissa Mies Bombardi quanto o gráfico apontam para os números alarmantes da utilização de agrotóxicos na agricultura do Brasil atual. Ocorre que **essa prática coloca a vida de toda a população em risco, devido à alta taxa de contaminação**, conforme mostra o gráfico. Afinal, grande parte dos produtos com alta taxa de agroquímicos está presente na cultura alimentar da população brasileira.

Diante disso, podemos afirmar que o racismo ambiental e o uso de agrotóxicos se encontram e se materializam na realidade de populações desfavorecidas.



No dia 04/05/2021 diversos jornais noticiaram o episódio de aviões que lançaram agrotóxicos contra comunidades rurais no Norte e Nordeste do Brasil. Algumas crianças foram atingidas. As ocorrências são em áreas de disputa de terra. Práticas como esta não são novas, infelizmente. Em 2015 um avião já havia jogado agrotóxicos contra a comunidade indígena Tey Jusu, no Mato Grosso do Sul.

Esses casos mostram como o racismo ambiental torna-se um elemento importante de discussão para que compreendamos como e contra quem as injustiças ambientais ocorrem.



LEA

Laboratório de Ética Ambiental e Animal

